



SOBREVIVÊNCIA E INCONFORMIDADE: A PERSONAGEM ALBERTO NO ROMANCE A SELVA, DE CASTRO FERREIRA

Laurita Iala¹
Andea Muraro²

RESUMO

A selva é um nome adotado no romance para demonstrar o espaço do acontecido da cena (mata), por outro lado, ela evidência o estado das vivências dos personagens subalternizados, tende em vista, a perpetuação das práticas de escravização na época pós-colonial. O presente trabalho tem por objetivo analisar literariamente as temáticas “Sobrevivência e Inconformidade” do personagem Alberto, posteriormente, discutir as implicações da posição do narrador (Benjamin, 1936), na forma e conteúdo. O trabalho tem como embasamento teórico na obra de Castro Ferreira (1955); Walter Benjamin (1994); IzaBel Margato (2009); com finalidade de aprofundar análise no que refere a aspecto relevante na ficção de Ferreira de Castro é o realismo social, que lhe aproxima dos neorrealistas, mostrando que mesmo com no fim do sistema colonial, as práticas de explorações de homens pelos homens continuavam, uma vez que eles trabalhavam para sobreviver; pois o dinheiro não era suficiente para outras coisas. As temáticas de seus romances evidenciam as propriedades dos personagens despossuídos de valores humanos, pois a sua obra constituiu um importante manual social de verdadeiro espelho da realidade da vida contemporânea dos humildes e marginadores. O personagem Alberto foi afetado por falta dos recursos financeiros desde seu país de origem (Portugal) e teve que migrar com vinte e seis anos de idade para o Brasil, diretamente a Belém do Pará, por motivo das suas firmes posições políticas a favor da monarquia. Em meio a essa escassez financeira, teve que morar com seu tio Macedo e, com o tempo, ele pediu-lhe que fosse trabalhar no Seringal na mata de amazônica com esperança de achar dinheiro sem muito esforço. Portanto, o seu percurso da ida de Belém até o Seringal Paraíso no Amazonas, como também a sua vivência com o trabalho de tirar látex, Alberto passou a vivenciar terríveis explorações e sofreu humilhações de igual modo aos colegas.

Palavras-chave: A selva; Ferreira de Castro; Neorrealismo sobrevivência; inconformidade.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica dos Palmares, Discente, lau96iala@gmail.com¹
A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acadêmica dos Palmares, Docente, muraro@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A selva é um nome adotado no romance para demonstrar o espaço do acontecido da cena (mata), por outro lado, ela evidência o estado das vivências dos personagens subalternizados, tende em vista, a perpetuação das práticas de escravização na época pós-colonial. Vale salientar que à dificuldade de achar alimentos, o tio sugeriu que o Alberto trabalhasse no seringal e ele, estranhou com a ideia, porém, finalmente acabou por aceitar. “Alberto levantou-se, encheu de água, no lavatório, as mãos em concha e levou-as ao rosto, um duas, muitas vezes. Sentia um calor aflitivo quase febre, ante o novo rumo que a sua vida ia tomar” (CASTRO, 1955, p.16).

Esse trecho espelha a inconformidade do Alberto quanto a sua nova viagem para Amazônia. Por outro lado, a cidade Amazônia era muito útil para o português que trabalhavam nessa zona, ele pode enriquecer rápida dependendo “sorte”, ainda, tio traz evidência da memória da pessoa que conseguiu estar bem-sucedido na vida por trabalhar na região onde o sistema colonial dominava. “Fora assim que seu tio enriquecera e tinha já duas quintas em Portugal; fora assim que pobretanas sem eira nem beira se transformavam, dum instante para o outro, em donos de “casas aviadoras”, tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de “gaiolas” (CASTRO, 1955, p.17).

Alberto queria ter a vida diferente das pessoas dominados, esquecendo que está na época pós-colonial, “A sua epiderme de civilizado contraía-se sob o asco que o convés imundo lhe insuflava; o seu espírito sentia-se estranho, quase inimigo daquelas vidas que o cercavam, resignadas ao destino e alheias a tudo que não fossem imposições do corpo” (CASTRO, 1955, p.27).

Alberto continuou mostrando a inconformidade o que lhe pus a resistência de não se identificar como muitos outros seringueiros que estavam no “Justo Chermont”, ou ainda, o impasse em concordar que, desde momento que aceitou a proposta de trabalhar no seringal, se converteu como uns dos escravos. Além disso, ele continua com a tendência de superioridade “E quedava-se, de novo resignado, a aguardar Balbino, a vê-lo já chegar a vê-lo apertar-lhe a mão e dizer-lhe: “Faça favor... Venha comer”. E não era só a morte da fome; era a consideração que o gesto do outro lhe daria entre o rebanho, era a desforra daquela indiferença que o envolvia-la”. A história evidencia que o Alberto fez tentativa para que o Balbino o visse a fim de recordar da promessa, mas parecia que ele não ouvia. Após isso, deixou-o e foi direito para fila e tomou a mesma comida como todos nordestinos. Este comportamento de Balbino fez com que Alberto sentisse inconformado de ter passado tanto desprezo e tinha vários desejos maus contra a sua pessoa e ficou mal por falta de recursos financeiros que, de certa maneira impunha a sua vivência em risco “Alberto sentia impulsos de morder as próprias mãos, de despedaçar, de dilacerar fosse o que fosse transformando em energia a sua impotência. A humilhação lhe dava cóleras mesquinhas, desejos vis e ignaros. E a crise só terminou ao fechar do dia, quando, com a fadiga do espírito e dos nervos, surgiu a tristeza da vida e a imperativa realidade” (CASTRO, 1955, p.35).

Outro facto que evidencia a procura de sobrevivência e inconformidade de Alberto, pode ser visto através de relação do poder entre Juca e todos trabalhadores do paraíso. Juca era quem controlava todo trabalho dos seringueiros por seus rendimentos e fazia o pagamento, em vários casos, o Alberto sempre confrontava com Juca e passou por humilhação “-Você está a dar cabo da estrada! Se não tinha jeito para cortar seringal ou se não queria, não viesse para cá, que ninguém cá precisava de você. Não se acredita que um homem que vem de Portugal seja mais bestalhão que um cearense. Só lhe digo uma coisa: se você continua a matar os paus, eu não lhe vendo nem mais um litro de farinha!”. Sendo assim, Alberto tentou justificar com espírito de raiva pela ordem e modos de tratamentos que passava com Juca que nem se importava com ninguém “- Não é má vontade, senhor Juca... - murmurou Alberto, açaimando os nervos e impondo uma serenidade que lhe faltava



" (CASTRO, 1955, p. 108) ".

METODOLOGIA

O trabalho tem como embasamento teórico na obra de Castro Ferreira (1955); Walter Benjamin (1994); IzaBel Margato (2009); com finalidade de aprofundar análise no que refere a aspeto relevante na ficção de Ferreira de Castro é o realismo social, que lhe aproxima dos neorrealistas, mostrando que mesmo com o fim do sistema colonial, as práticas de explorações de homens pelos homens continuavam, uma vez que eles trabalhavam para sobreviver; pois o dinheiro não era suficiente para outras coisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As temáticas de seus romances evidenciam as propriedades dos personagens despossuídos de valores humanos, pois a sua obra constituiu um importante manual social de verdadeiro espelho da realidade da vida contemporânea dos humildes e marginadores. As implicações da posição do narrador (Benjamin, 1936), na forma e conteúdo repleto na personagem Alberto na obra de Selva de Castro Ferreira são construídas de acordo com o comportamento cotidiano da época. O trabalho que foram feitos não compensa, ficam "devindo" como disse Firmino, outro trecho "todos à espera do meio litro de cachaça que Juca Tristão, com ar de esmola, lhes vendia ao domingo" o que evidencia exatamente a relação do poder não só de uma visão individual como também coletiva. Por isso, o romance constrói forma do "realismo inferior" como disse Margato.

A figura do personagem Alberto consegue trazer ruptura dos estereótipos que espelha sempre os portugueses como bem-sucedidos na vida ou ainda que dominam, em contrapartida, o romance trouxe a figura do colonizador de alto nível acadêmico que se submete ao poder colonizado ou que passa pela assimilação do colonizado.

Autora ressalta que, a característica de experiência ou autobiografia do realismo demonstrada no romance revela a forma de narração oral verificadas em vários momentos feitos em repetições das palavras "mesmos párias, os mesmos prisioneiros da selva" entre outras e construiu uma lição moral para sociedade. Nesta visão, seguindo o que é considerado romance de acordo com Benjamin, a forma não é olhada como a que segue a categoria desse gênero, mesmo sendo escrita.

O conteúdo é uma denúncia para o mundo o que quer dizer que ele mergulhe no fator ideológico, também houve a presença insuportável da selva e uma narrativa que mostra onisciente intruso "Era um capanga valente capaz de espantar a António Silvino" e avaliador das personagens "«Eu vi o meu tio Alfredo endoidecer de sede e correr, correr atrás de nós, com os braços abertos, que até parecia uma alma penada". Além disso, vale observar que o conhecimento do narrador do romance ultrapassa simples observador "Nós vínhamos a fugir do sertão e ele caiu e lá ficou a estrebuchar, enquanto os urubus não deram cabo dele»", sendo que, mostra ponto de vista sobre alguns comportamentos, evidenciando ambiente abalado do sistema semiescravidão dos nordestinos e portugueses como o próprio Alberto, Com base disso, Benjamin ressaltou que o romance é uma pessoa individual e solitária o que significa que ele é "incomensurável" até na sua última instância, assim sendo, a Selva não seguiu exatamente esse panorama.

CONCLUSÕES



O percurso do personagem Alberto da ida de Belém até o Seringal Paraíso no Amazonas, como também a sua vivência com o trabalho de tirar látex, passou a vivenciar terríveis explorações e sofreu humilhações de igual modo aos colegas. Por outro lado, o romance evidenciou traços de declínio e a característica do que é moderno, visto que tira lentamente a narrativa no mundo das informações orais. Em outra visão, atribuiu uma nova formosura ao que está sumindo na sociedade nem só, ele também espelha o enraizamento na cultura popular e conectada a experiência do presente e do passado do narrador para agrupar vários conhecimentos, na qual, ele imerge mais na densidade psicológico o que lhe fez a usar mais subjetividade. Entretanto, essa subjetividade traz a noção do que é moderno associada a memória “senso prático falado”, que Benjamin enfatiza como a junção do desenvolvimento de uma narrativa que recai na figura de sedentário, criando comparação entre dois mundos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder à vida e saúde e sem esquecer da minha querida Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Por outro lado, agradeço a minha orientadora doutora Andrea Cristina Muraro.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- CASTRO, Ferreira de. A selva: Romance Antecedido de pequena história de a selva Da edição comemorativa de A Selva, 1955.
- MARGATO, Izabel. Notas sobre Neo-realismo português: um desejo de transformação. Via Atlântica, FFLCH, USP, v.9 n.1, 2008.